

A engenharia como motor de desenvolvimento económico e social

A engenharia, pela sua dimensão e transversalidade, tem procurado, ao longo da sua história, aplicar o conhecimento ao serviço da transformação e adaptação da natureza com o fim de otimizar a qualidade de vida, desenvolvendo metodologias que, de forma evolutiva, adaptadas a cada momento histórico, assegurem a satisfação das necessidades das gerações actuais sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades.

Por tudo isto a engenharia é um Recurso Estratégico. É nossa convicção que o saber e a competência em engenharia e tecnologia são a chave para a modernização da nossa sociedade, fornecendo o 'arsenal' adequado na luta contra a crise económica.

A engenharia é um motor do desenvolvimento económico. Não há viabilidade de sucesso, com vista à melhoria da economia, sem tecnologia e engenharia de qualidade.

Este aspecto é igualmente determinante nas empresas.

A procura permanente da efi-



CARLOS MATIAS RAMOS
Bastonário da Ordem dos Engenheiros de Portugal

ciência pressupõe a incorporação da inovação tecnológica, inovação que deve ser acompanhada do desenvolvimento de processos conducentes à redução dos custos em factores determinantes para a produção. A eficiência e a produtividade relacionadas com a engenharia e a tecnologia são, por tudo isto, a chave do desenvolvimento económico.

Estamos numa sociedade em mudança, e a um ritmo tal que às vezes não conseguimos perceber o que está a mudar. Acredito que compete às nossas Ordens dos Engenheiros, e aos engenheiros em

particular, que sabem fazer diagnósticos, que são bons analistas e que têm várias capacidades reconhecidas, contribuir para que essa mudança se ajuste à História e necessidades específicas não só de Portugal e de Angola, como de todos os países e continentes.

Por tudo isto, a Ordem dos Engenheiros de Portugal tem defendido, ao longo da sua história, a adopção de critérios exigentes na prática dos actos de engenharia que garantam a aplicação das melhores metodologias, necessariamente adaptados à realidade de cada situação e de cada país, na defesa da valorização do ambiente natural, da melhoria das condições de vida e na protecção de pessoas e bens contra os acidentes naturais e os acidentes tecnológicos, e tendo sempre presente a interacção entre as dimensões económica, social e ambiental.

A Engenharia Portuguesa soube sempre responder presente, sem sede de protagonismos, aos desafios que lhe foram sendo colocados.

Os Engenheiros de Angola e de Portugal partilham um passado téc-

nico e cultural comum, quer através da procura nas exigências de formação para se exercer a profissão de engenheiro, quer na forma de aplicação dos conhecimentos.

As afinidades técnicas e culturais entre os profissionais de engenharia dos dois países são potenciadoras de uma estreita cooperação. Cooperação que passa pela criação de condições que estimulem uma maior mobilidade dos seus membros, sustentada no estabelecimento de parcerias e de protocolos e no intercâmbio de informação e de divulgação do conhecimento.

Temos de ter consciência que a valorização da actividade de engenharia Portuguesa em Angola pressupõe:

- competências essenciais construídas sobre bases de conhecimento;
- cultura organizacional empenhedora;
- lideranças visionárias abertas a novas ideias (inovação);
- estruturação em redes de relacionamento, seja intraorganizacional, seja por meio de alianças estratégicas;
- desenvolvimento de parcerias

– conceito de “ser uma empresa local no mercado onde se desloca” – adopção do ditado popular “Em Roma sê Romano”;

• estabelecimento de linhas de crédito ajustadas a objectivos claros de estratégias para as actividades potenciadoras de crescimento económico e do bem-estar das populações.

Acreditamos numa Engenharia de qualidade, de rigor, demonstrativa de competência e que assente em bases sólidas de formação. Uma profissão como a nossa, de confiança pública, da qual depende a segurança e o bem-estar dos cidadãos, tem igualmente que seguir uma conduta exigente em termos de ética e de deontologia profissional. Acreditamos também que na Engenharia não há fronteiras nem alfândegas para o pensamento, pelo que, independentemente do local onde seja exercida, deverá indubitavelmente enquadrar-se na cultura dos povos receptores. Estou certo que contribuiremos, através deste Encontro, para aproximar ainda mais as Engenharias Portuguesa e Angolana e sublinhar as suas capacidades.